

## « O Jardim das Hespérides: paraíso terrestre ou natureza devastada?... »

*Le monde naturel du Minas Gerais : jardin des Hespérides ou paysages dévastés ?*

*The Natural World of Minas Gerais: Garden of the Hesperides or Desolate Landscape?*

**Laura de Mello e Souza**

*Note de la Rédaction :*

*Esta é a versão oral em português, apresentada no encerramento do congresso, no dia 20 de setembro de 2019.*

---

## **O Jardim das Hespérides: paraíso terrestre ou natureza devastada?**

A partir do último quartel do século XVII e durante todo o século XVIII, as Minas Gerais desempenharam nos sonhos e nas práticas dos colonos luso-brasileiros um papel peculiar. Foram o espaço mítico das riquezas abundantes, do paraíso terrestre, do Eldorado. Foram o espaço tentador da aventura mas, ao mesmo tempo, do desconhecido, do obstáculo intransponível, do medo. Foram ainda o lugar em que a empresa humana transformou em proveito próprio a natureza bruta: do leito dos rios brotava ouro, que também podia surgir das encostas dos morros desnudados por queimadas; na voracidade cobiçosa dos aventureiros, consumiam-se florestas, extinguíam-se espécies, sacrificavam-se grupos indígenas e se alargava a fronteira do território. Foram, por fim, o cenário em que se nutriu a imaginação lírica dos árcades, integrando belas descrições naturalistas onde cintilam as rochas e os cumes elevados das montanhas, onde escravos negros desentranham o ouro da terra ou o separam do cascalho lavado.

Assim, desenharam-se múltiplas percepções do espaço e da natureza por sobre a realidade concreta das Minas, região tardiamente incorporadas ao mapa colonial. Elas não se sucederam cronologicamente, mas coexistiram e se interpenetraram, alternando-se, ora

sobressaindo sua feição mítica, ora a trágica, ora a pragmática, ora aquela dominada pelos afetos. Vivificada pelos tempos heroicos do devassamento, a dimensão mítica persistia ainda na época da Inconfidência, quando a ação pragmática de homens como o mestre-de-campo Inácio Correia Pamplona, um dos delatores da conspiração, devassava metodicamente os sertões do Bambuí, na fronteira oeste das Minas Gerais. Da mesma forma, a dimensão trágica da ocupação originária coloria o poema Vila Rica, onde Cláudio Manuel da Costa instituía, por volta de 1774, a tradição histórica da capitania e ventilava sensibilidade afetiva com relação à terra de origem, os penhascos e duras penhas que abrigaram seu berço natal. Entretanto, em nome da clareza da exposição, será necessário separar tais concepções entre si e tratá-las isoladamente, examinando, uma após a outra, a dimensão mítica, a trágica, a pragmática e, por fim, aquela dos afetos, todas evidenciadas numa gama variada de testemunhos escritos e visuais com que os agentes históricos procuraram dar conta da complexidade e das vicissitudes que envolviam o devassamento do novo espaço paulatinamente aberto à colonização.

### **1. A dimensão mítica**

Minas Gerais surgiu sob o signo do Eldorado. As buscas por metais preciosos marcaram a colonização portuguesa da América desde os primórdios, e se intensificaram após a descobertas das minas de prata do Potosi, em 1545. As entradas que primeiro percorreram a região buscavam índios, mas os metais e as pedras preciosas ganharam importância na segunda metade do século XVII até que, por volta de 1694, os primeiros achados de ouro fossem oficialmente comunicados à Coroa portuguesa. A memória e a tradição oral, posteriormente incorporadas pela historiografia mais antiga, fixaram o marco inicial na jornada de Fernão Dias Pais, que em 1674 partira em busca de esmeraldas para o sertão e estabeleceu um trajeto, plantara roças e esboçara roteiros desde então usados pelos que o sucederam<sup>1</sup>. O substrato mítico foi dado pela lendária serra de Sabarabuçu, onde estariam as pedras, e que desde os primeiros cronistas da colonização era mencionada em pontos variados do interior do Brasil, em descrições quase sempre coloridas com as tintas do maravilhoso. Em 1688, Sabarabuçu foi representada, no globo do frade Vicente Coronelli, ao lado da lagoa de Vupabuçu, dando estatura geográfica à formulação mítica e origem a relatos fantásticos que acompanharam outros descobertos auríferos, como o de Goiás, onde as

---

<sup>1</sup> Entre outros, ver Francisco Eduardo de Andrade, *A invenção das Minas Gerais – empresas, descobrimentos e entradas nos sertões do ouro da América Portuguesa*. Belo Horizonte, Autêntica Editora / Editora PUC Minas, 2008, capítulo 2, pp. 57-80.

visões sobre a serra dos Martírios criaram tradição que se perpetuou por décadas entre os paulistas.

A Serra dos Martírios unia elementos do mito do Eldorado a elementos da história sagrada: nela se divisariam a coroa, a lança e os cravos da paixão de Cristo. Assombrou a imaginação juvenil de Antonio Pires de Campos e de Bartolomeu Bueno da Silva, o Moço, quando, meninos, entraram para o sertão com os parentes mais velhos e fixaram na memória a figura da serra divisada ao longe. Uma vez adultos, voltariam à região – Pires de Campos em 1716, Bartolomeu Bueno em 1722 – e na procura da visão maravilhosa lançariam as bases dos descobertos de Mato Grosso e Goiás.

São vários os exemplos que mostram ter sido o sertão, naquele contexto, a escola por excelência, e que, como escreveu um historiador, uma expedição equivalesse a um diploma<sup>2</sup>. O menino Garcia Rodrigues Pais tinha entre 13 e 14 anos quando acompanhou o pai, Fernão Dias, na sua bandeira em busca de esmeraldas. Na vida adulta levou por sua vez o filho consigo nas andanças pelo sertão. As miragens dos meninos bandeirantes, que procuravam tesouros com os pais, revelam o lado bem concreto do caráter familiar daquelas empresas<sup>3</sup>, mas carregam igualmente um importante significado simbólico, e tanto isso tinha importância que casos análogos são encontrados até bem mais tarde. Acreditava-se, na época, que Deus ocultara terrenos para deixar que, em determinados momentos – por exemplo, o início do reinado de dom José I, em 1750 – eles fossem encontrados.

Tanto as visões maravilhosas como os caprichos da providência sugerem a presença de mitos fundadores nos primórdios da ocupação de Minas. Atestam, ainda, que as concepções edênicas nem sempre se esvaneciam com o avanço da colonização, servindo, ao contrário, de estímulo e chamariz em situação de fronteira móvel. Até o final do século XVIII, narrativas de expedições sertão adentro discorriam sobre acidentes geográficos estranhos e misteriosos. Bem conhecido é o caso da Prodigiosa Lagoa, cujas águas não se misturavam com as dos rios circunvizinhos e espantavam toda espécie de animal que dela se aproximasse para saciar a sede<sup>4</sup>. Mas há outras ocorrências, narrativas de lugares escondidos e intocados, lagos onde o fundo

---

<sup>2</sup> José de Alcântara Machado e Oliveira, *Vida e morte do Bandeirante*, 2<sup>o</sup> ed., São Paulo, Revista dos Tribunais, 1930, pp. 249-250. Ver também Francisco Eduardo de Andrade, *A invenção das Minas Gerais – empresas, descobrimentos e entradas nos sertões do ouro da América Portuguesa*. Belo Horizonte, Autêntica Editora / Editora PUC Minas, 2008, capítulo 2, “Empresas de descobrimento de Minas: o estilo heroico de Fernão Dias Pais”, p. 57-80.

<sup>3</sup> Francisco Eduardo de Andrade, *op. cit.*, p. 160.

<sup>4</sup> Prodigiosa Lagoa descoberta nas Congonhas das Minas do Sabará, que tem curado a varias pessoas dos achaques, que nesta Relação se expõem, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925, pp. 5, 6, 29.

atingia a profundidade de abismos insondáveis e o barco seguia meio à deriva, flutuando independente do comando humano. Mesmo que o horizonte dos possíveis seja amplo para a literatura, merece atenção que os poetas da Inconfidência recorressem tanto a figuras fantásticas e mitológicas quanto à crença na existência de riquezas escondidas. Para tratar do meio natural, Cláudio Manuel da Costa toma o Curupira das crenças indígenas para, no poema Vila Rica, revelar a Fernão Dias Pais os tesouros que até então mantivera escondidos dos demais europeus, afugentando-os com seu rosto, “aos homens tão escuro e feio”<sup>5</sup>. E Alvarenga Peixoto, no Canto Genetliaco, invoca o contraste entre as serras brutas e feias mas capazes de conservar “nas ocultas veias” quantidade de prata, ouro e pedras preciosas<sup>6</sup>.

Se o topos do clima ameno e salubre teve pouca acolhida entre os escritos que trataram do mundo natural nas Minas, o sentimento de assombro ante a fauna e a flora variadas possibilitou analogias com o mito do Paraíso terrestre. Sucedem-se nos documentos as referências à quantidade de aves – araras, tucanos, periquitos, papagaios – bem como a animais inexistentes na Europa: a onça pintada, a suçuarana, a cotia, a paca, o tamanduá, emblema por excelência de uma fauna abundante mas esquisita. De dimensões desmesuradas, as serpentes – sobretudo a jibóia e a sucuri - , são vistas como próximas aos monstros<sup>7</sup>.

No começo do século XVIII, a região forneceu matéria a uma curiosa cosmogonia sustentada por um colono que andara por ali, Pedro de Rates Hennequim. Nela, o Paraíso terrestre se encontrava no Brasil central, e é tomado como certo que Hennequim tivesse em mente as Minas Gerais. Para ele, o Dilúvio havia poupado a região, onde se encontrava “o fruto da árvore da vida, que são as bananas compridas, e o da ciência, que são as bananas curtas”, além de profusão de frutas, rios e delícias<sup>8</sup>. Preso, processado e condenado como herege pelo Santo Ofício, Henequim, ao que tudo indica, pereceu na fogueira, mas crenças como as suas perpetuaram-se nas elucubrações míticas que, até os primeiros anos do século XIX, estiveram presentes em edenizações tardias.

---

<sup>5</sup> Vila Rica, Canto Sexto, p. 216 in Obras poéticas de Cláudio Manuel da Costa, edição de João Ribeiro, Rio, Garnier, 1903, 2 vols

<sup>6</sup> Canto Genetliaco, in Manuel Rodrigues Lapa, Vida e obra de Alvarenga Peixoto, Rio de Janeiro, INL/MEC, 1960, p.35.

<sup>7</sup> José Joaquim da Rocha, Memória Histórica da capitania de Minas Gerais, Revista do Arquivo Público Mineiro, ano 2, 1897, p. 516

<sup>8</sup> Plínio Freire Gomes, Um herege vai ao paraíso – Cosmologia de um ex-colono condenado pela Inquisição (1680-1744). São Paulo, Companhia das Letras, 1997, pp. 154-171.

## 2. A dimensão trágica

A percepção trágica da natureza mineira também remonta aos primeiros tempos, quando começou a se constituir o espaço interno da capitania. Numerosos registros sugerem ter sido sobretudo o aspecto montanhoso do terreno o que mais dificultou o acesso inicial às Minas e, conseqüentemente, mais amedrontou os sertanistas. Para o bandeirante que vinha do litoral, havia que vencer duas consideráveis muralhas naturais: a Serra do Mar, e, a seguir, a Serra da Mantiqueira, composta de massas graníticas acinzentadas e limpas da vegetação, que se acumulava nos declives, nos grotões e nos vales secundários. Uma vez transpostas as duas serras, descortinava-se o terreno suave dos campos ondulados, cobertos de vegetação rala - Campos de Congonhas, Campos de Cataguazes - e os matos densos sem mistura de campos, que ficaram conhecidos como sertão do Caeté. Penetrando-se no coração do planalto, entretanto, dava-se com nova sucessão de escarpas impressionantes, rochas que pareciam esgravatadas por unhas gigantescas: era a serra do Espinhaço, também chamada série de Minas, geralmente aurífera. Na bela formulação de Diogo de Vasconcelos, descortinava-se então "o país das serranias impenetráveis, dos rios enormes, das riquezas minerais, das feras e dos monstros, uma espécie das Hespérides antigas guardadas por dragões"<sup>9</sup>. Mais para dentro, iria se descobrir depois a região dos diamantes, onde, nas palavras de um natural do Distrito, o mineralogista Vieira Couto, a terra pasmosamente se ouriçava "em serras de pura penedia, que se dirigem confusamente para todos os lados », desordenadamente<sup>10</sup>.

Era este o espaço, propriamente dito, das Minas Gerais: cercado pelas impressionantes cadeias montanhosas, conservou-se, por muito tempo, secretamente ameaçador. Nele, caminhava-se espremido entre a escarpa e o desfiladeiro, "por entre feixos de morros e penhascos", não podendo um cavaleiro "dar passo para um lado, ou outro, que não seja com perigo de despenhar-se aos abismos". A descida das serras causava horror, e o viandante receava olhar para os companheiros que vinham atrás, em tortuosa enfiada, "todos de pé e com os cavalos

---

<sup>9</sup> A definição e qualificação das diferentes zonas de vegetação das Minas Gerais encontra-se em Diogo de Vasconcelos, *História Antiga de Minas Gerais*, Belo Horizonte, Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1904, p.84-85. A referência ao Jardim das Hespérides encontra-se na p. 85.

<sup>10</sup> José Vieira Couto, "Memória sobre as minas da capitania de Minas Gerais. Suas descrições, ensaios, e domicílio próprio; à maneira de itinerário", *Revista do Arquivo Público Mineiro*, ano X, 1905, pp. 67-165, citação à p. 128.

pela arreata, que parecia nos ficavam a prumo sobre nossas cabeças, e que se despregavam por instantes, e rolavam por aqueles despenhados<sup>11</sup>.

A travessia dessas cadeias montanhosas das Minas atemorizava pois os entrantes, invocando concepções milenares que associavam o relevo vertical à morada de seres fantásticos, benfazejos ou malignos. Do Olimpo dos gregos ao Jardim das Hespérides, ou aos Alpes que delimitavam, na Roma antiga, uma das fronteiras entre civilização e barbárie, a montanha, ou que alguns chamaram de “sentimento da verticalidade” impôs-se com força ao espírito dos europeus desde o Renascimento<sup>12</sup>. Vencer cadeias montanhosas identificou-se assim à passagem entre dois espaços diversos, as perdas do que ficava para trás podendo não ser compensadas pelas eventuais conquistas que se fizesse logo adiante. Para fustigar a ânsia por ganho fácil, generalizada entre os especuladores dos primeiros tempos das Minas, o jesuíta Antonil escolheu a imagem da montanha enquanto marco entre um espaço onde o senso moral ainda vigorava e outro, no qual fora abandonado: “E daí vem o dizerem que todo o que passou a serra da Mantiqueira aí deixou dependurada ou sepultada a consciência”<sup>13</sup>.

Montanhas influíam no clima: nas alturas da serra, ele era inclemente, castigando também o físico dos homens. O frio qualificava a geografia, nomeando-a - Serro Frio, por exemplo -, mas a atração arrefecia o medo dos perigos e moldava aventureiros, fixados pela tradição com os traços míticos dos heróis que, misto de Hércules e Prometeu, impunham a cultura sobre a natureza bruta, “descarnando os montes, minerando penhascos, e cortejando o coração da terra para haver os seus haveres”.

Por trás do fascínio, persistia, contudo, a adversidade, e o embate entre homem e natureza se fazia a poder de “perigos, fomes, sedes e trabalhos”. Nos primeiros tempos o sertão atendeu às necessidades do sustento, fornecendo mel, caça, pesca, frutos e raízes do mato. Conforme a população se adensou, os relatos sobre as grandes fomes dos primeiros tempos - 1697-98 e 1700-01 – se multiplicaram, testemunhando de forma dramática o desequilíbrio entre o número dos homens e as potencialidades dos recursos naturais, campos e montanhas mostrando-se logo “estéreis de caças, e víveres silvestres, que o muito povo, que por todas as partes penetrava, tinha destruído, e consumido”. Houve sertanista que voltou às pressas para São Paulo, e repetiam-se os incidentes a atestar, como diz o documento, que “a fome não tem lei»,

---

<sup>11</sup> Vieira Couto, op. cit., p. 89.

<sup>12</sup> Stéphane Gal, *Histoires verticales. Les usages politiques et culturelles de la montagne (XIVe-XVIIIe siècles)*. Ceyzérieu, Champ Vallon, 2018. Ver sobretudo o capítulo I, “La montagne: une verticalité entre pays et paysage”, p. 23-63.

<sup>13</sup> Antonil, *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*, ed. 1968, p. 422. Cf. Francisco Eduardo de Andrade, op. cit., p. 179.

castigando, segundo as evidências, sobretudo as expedições que retornavam do sertão, ansiosas em ganhar o povoado de origem<sup>14</sup>. E em tempos de roteiros muitas vezes vagos e imprecisos, quando não transmitidos oralmente, havia sempre o risco de se enganar de caminho, como aconteceu à tropa do Anhanguera, perdida numa grande chapada “sem matos nem mantimentos”, mais de quarenta pessoas, entre brancos e negros, perecendo desfalecidos de inanição.

O clima da capitania representava outro desafio. Ainda no primeiro quartel do século, Assumar, numa passagem tornada célebre, atribuiu a ele o espírito revoltoso dos mineiros. Queixava-se de que os dias, sempre nublados, nunca amanheciam serenos, e que tudo era frio menos o vício, sempre a arder. O clima desinquieto acarretava motins, que nas Minas se tornavam naturais, sendo "propriedade e virtude do ouro tornar (...) buliçosos os ânimos dos que habitam as terras, onde ele se cria". "Desgraçado clima, abomináveis Minas, em que a lealdade é venável, e a mais pura fé anda em balanças!" vociferava ainda Assumar<sup>15</sup>. Depois dele, outros viram nas Minas uma geografia de vícios, como o bispo Dom Frei Manuel da Cruz, que, em 1757, associava, no Relatório Decenal enviado à Sé romana, o relevo acidentado e o vício dominante entre os que procuravam ouro<sup>16</sup>.

A inconstância do clima manifestava-se também no capricho das águas violentas. A Vila do Ribeirão do Carmo, elevada em 1745 à condição de cidade para sediar o bispado das Minas, sofreu muito com as cheias sistemáticas que lhe carregavam pontes e construções e se originavam nos trabalhos de mineração, realizados nas margens do rio que lhe dava nome. Desde 1737 a catástrofe se repetia ano a ano, e sucedem-se as descrições da vila arruinada, com a igreja prestes a desmoronar<sup>17</sup>.

Em 1746, uma cheia terrível destroçou também Sabará, e a tradição perpetuou-a nas memórias até que, em 1807, sobreveio outra pior. Desde as cabeceiras, a força das águas arrastou fragmentos de casas e pontes construídas nas margens do rio das Velhas, inundando os bairros mais baixos, prejudicando edifícios, "e derramou tal susto na população" que uns tentavam salvar-

---

<sup>14</sup> Cf. Francisco Eduardo de Andrade, *A invenção das Minas Gerais...*, p. 207. Maria da Glória Porto Kok, *O sertão itinerante – expedições da capitania de São Paulo no século XVIII*. São Paulo, Editora Hucitec / Fapesp, 2005. *Código Costa Matoso*. Ver fls. 7,7Vo,8,9, 9Vo,11,13,17,17Vo,18Vo,20. Mafalda Zemella, *O abastecimento da capitania de Minas Gerais*. São Paulo, Hucitec, 1990. *Código Costa Matoso*, fls. 7,7V<sup>o</sup>,8,9, 9V<sup>o</sup>,11,13,17,17V<sup>o</sup>,18V<sup>o</sup>,20.

<sup>15</sup> Discurso Histórico e político sobre a sublevação que nas Minas houve no ano de 1720, in *A Revolta de 1720 em Vila Rica, Ouro Preto*, Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1898, pp. 8-9, 89.

<sup>16</sup> Relatório decenal à Sé Romana - Sagrada Congregação do Concílio de Trento - 1757. Tradução do Padre Flávio Carneiro Rodrigues, ex. datilograf.

<sup>17</sup> Cláudia Damasceno Fonseca, “Cidades et villes cathédrales dans l’outremer portugais: le cas de Mariana (Minas Gerais)” IN *Histoire Urbaine, Société Française d’Histoire Urbaine*, n° 9, avril 2004, p. 47-63.

se a nado, “outros pelos telhados, e alguns em gamelas, que só se ouviam gritos de consternação”<sup>18</sup>.

Nos matos e descampados, chuvaradas traziam a morte de muitos, e por isso, no tempo das águas, evitava-se entrar para os matos, as passagens dos rios caudalosos acarretando perigo fatal e o volume das águas prolongando muito as jornadas<sup>19</sup>. Um soldado conta que a força das águas o arrastara dentro de um buraco, quebrando-lhe a espingarda e lhe maltratando o corpo<sup>20</sup>, e da pena do cientista José Vieira Couto tem-se o relato impressionante de uma tempestade que o surpreendeu, junto com sua comitiva, nas imediações do rio Parauninha. Grandes torreões de nuvens corriam pelos céus, e de todas as partes as águas despenhavam da serra, fazendo desaparecer o caminho. A luz do dia se foi antes da hora, sendo preciso que cada um acendesse uma vela “ tanto os de pé como os de cavalo, todos com luzes, que brilhavam com a escuridão”: foi assim, em “fúnebre espetáculo, marchando em uma longa enfiada”, que vadearam o rio, “que vinha já grosso e espumando”<sup>21</sup>.

Além do relevo, do clima frio e enevoado, das chuvas fortes e dos rios difíceis de vadear, havia o sertão. “Sertão sem cultura até o mar”, registrava ainda no último quartel do século XVIII um dos mapas atribuídos a José Joaquim da Rocha, que, procurando delimitar os confins da capitania a Nordeste, perdia-se justamente na ausência ou desconhecimento dos limites, curvando-se ante a vastidão<sup>22</sup>. Sertão áspero e sem víveres, trabalhoso e invasivo, a cada passo obstruindo o caminho e crescendo por sobre a terra cultivada. Sertão traiçoeiro e imprevisto, os capões de mato encobrindo a fumaça que subia dos quilombos de negros fugidos, as brenhas servindo de esconderijo aos índios bravos que espreitavam os entrantes desnorteados. Sertão pestilento, infestado de febres que, no último quartel do século XVIII, ainda matavam nas cercanias do Vupabuçu<sup>23</sup>.

---

<sup>18</sup> "Colleção das Memórias archivadas pela câmara da villa do Sabará", Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo 6, n.23, outubro de 1844, pp. 280-281.

<sup>19</sup> Carta do Juiz Ordinário de São João del Rei, José de Lima de Noronha, ao conde de Valadares. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Seção de Manuscritos, códice 18,3,5, documento 75.

<sup>20</sup> BNRJ, SMs, gavetas, 18,3,7.

<sup>21</sup> José Vieira Couto, op. cit., p. 126.

<sup>22</sup> "Carta Geográfica de Minas Gerais", Seção de Iconografia, BNRJ, Arc. 4-6-38

<sup>23</sup> Carta de João Pinto Caldeira, mestre-de-campo interino, a Valadares - 14/11/1770, BNRJ, SMs, 18,2,6, fls.447-452 Carta de João Pinto Caldeira, mestre-de-campo interino, a Valadares - 14/11/1770, BNRJ, SMs, 18,2,6, fls.447-452. "Memória do que deve observar na derrota...", BNRJ, SMs, 18,2,6, fls. 1418-1419. José Joaquim da Rocha, Memória Histórica da Capitania de Minas Gerais, p. 430. Carta de Pamplona a Valadares, BNRJ, SMs, 18,2,6, fls. 88. Cartas de Martinho de Mendonça de Pina e Proença in "Motins so sertão e outras ocorrências em Minas Gerais durante o governo interino de Martinho de Mendonça de Pina e de Proença, conforme a correspondência deste com o governo da metrópole", RAPM, vol.1, 1896, p. 649. Para análises mais conceituais sobre o sertão de Minas Gerais, ver Cláudia Damasceno Fonseca, Des terres aux villes de l'or. Pouvoirs et territoires urbains au Minas Gerais (Brésil, XVIIIe siècle). Paris,



Sertão era espaço e conceito múltiplo, conforme procurou explicar, no primeiro quartel do século XIX, o naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire. Não indicava divisão política do território, mas sim aquela, vaga e convencional, “determinada pela natureza particular do país e sobretudo pela debilidade da população”. Sertão era, assim, quase a metade de Minas; compreendia sobretudo as regiões mais descampadas, mas para os lados do Espírito Santo era coberto por florestas fechadas<sup>24</sup>.

Todos os documentos coevos expressaram igual sentimento de desamparo ante essa personagem geográfica. “No sertão, tudo são dúvidas”, diria Inácio Correia Pamplona em carta escrita ao governador da capitania a 15 de novembro de 1769, quando devassava o sertão do Bambuí e Picadas de Goiás com uma expedição de contornos bélicos<sup>25</sup>. Mesmo com roteiros e guias práticos, o risco era grande: o sertão pregava peças, fechava-se sobre si mesmo, rechaçava o invasor, vomitando-o para o mundo civilizado ou triturando-o no emaranhado de cipós e árvores cerradas. Sem familiaridade com o mato, não havia inclusive como enfrentar o gentio, afeito a ciladas e detentor de um saber indiciário que lhe permitia andar pelas brenhas e se valer delas na guerra contra o branco<sup>26</sup>.

A aspereza das caminhadas e a dificuldade no trato do sertão podiam igualmente desnaturar o homem e o aproximar das feras. Em 1768, os entrantes que mineravam para os lados do caminho do Rio de Janeiro enviaram requerimento ao governador pedindo maior flexibilidade da Coroa ante os descobertos naquelas partes, já que eram muito grandes os riscos ante os índios, as onças e toda qualidade “de bichos que andam por aquelas paragens”. A natureza áspera podia tornar-se moeda de troca na busca por vantagens.

E havia mais. Na “arraia do sertão”, ali onde o controle da sociedade bem estabelecida se esgarçava, ficava aberto o espaço para o crime, pois não se temia a Deus e não se acatavam as leis do Reino. Corria na época que em Minas a Justiça não entrava no sertão, transformado em “

---

Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 2008, sobretudo a primeira parte, “Du sertão au territoire. Occupation et politique de l’espace du Minas Gerais”, p. 35-253; Márcio Roberto Alves dos Santos, Rios e Fronteiras. Conquista e ocupação do Sertão Baiano. São Paulo, EDUSP, 2017, sobretudo o capítulo 11, “As representações espaciais da ocupação”, p. 352-385; Hal Langfur, *The Forbidden Lands – Colonial Identity, Frontier Violence, and Persistence of Brazil’s Eastern Indians – 1750-1830*. Stanford University Press, 2006. Márcia Amantino, *O mundo das feras – os moradores do sertão oeste de Minas Gerais, século XVIII*. São Paulo, Annablume, 2008..., cap. 1, “O espaço rebelde”, p. 33-51.

<sup>24</sup> Auguste de Saint Hilaire, *Voyage au Minas Gerais*. Vol II, Galicca, pp. 299-301

<sup>25</sup> Cartas de Pamplona a Valadares, BNRJ, SMS, 18,2,6, fls. 108; “Notícia diária e individual das marchas...”, BNRJ, SMS, 18,2,6, fls.171

<sup>26</sup> Carlo Ginzburg, “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”, in *Mitos-Emblemas-Sinais*, trad., São Paulo, Companhia das Letras, 1988. Sérgio Buarque de Holanda, “Veredas de pé posto” in *Caminhos e Fronteiras*, São Paulo, José Olympio, 1957.

couto de todos os réus tanto de crimes como de dívidas", em espaço da marginalidade e da desclassificação social<sup>27</sup>.

E havia os bichos. Nas zonas fronteiriças, eles perdiam os atributos naturais e adquiriam os monstruosos. Em 1769, nas imediações do Rio Doce, uma comitiva foi dar numa lagoa enorme, cujas margens se achavam cobertas por pegadas estranhas<sup>28</sup>. O longínquo Rio Urucuia era "medonho pela variedade de bichos, que nutre": "jacarés de disformes grandezas", "cobras sucuriús de demasiado comprimento e grossura", sempre acometendo e emborcando as canoas que vadeavam o rio<sup>29</sup>.

### 3. A dimensão pragmática

Para viabilizar a exploração econômica, era preciso dominar a natureza, conhecê-la, representá-la, transformá-la. Os mapas, os roteiros, os nomes conferidos aos acidentes e aos pontos de referência - nomes indígenas, nomes de santos, nomes meramente indicativos de atividades práticas -, bem como os caminhos que iam cortando os matos, as pontes que atravessavam rios correspondem a esse esforço humano em controlar a natureza. O pragmatismo ante o meio natural nasceu, portanto, com a ocupação das Minas, ganhando força por volta do terceiro quartel do século.

Na elaboração de itinerários, mapas e roteiros, bem como na memorização de informações que se transmitiam oralmente parece ter sido decisivo o papel dos índios, dos quilombolas e dos práticos em geral, habituados como ninguém ao sertão e capazes de vislumbrar indícios importantes onde olhares menos adestrados não distinguiam nada de significativo<sup>30</sup>. Na segunda metade do século, quando o esforço em controlar a natureza e delimitar as fronteiras da região assumiu contornos de verdadeiro programa, os mapas se multiplicaram e se tornaram mais precisos. De 1778 é o conhecido mapa de José Joaquim da Rocha, ao qual dedicara longos

---

<sup>27</sup> Carta do Juiz Ordinário da Vila do Príncipe Manuel Jacome Soeiro a Valadares, 7/02/1769. BNRJ, SMS, 18,3,5, doc.233; Carta do Padre José Correia Porto a Valadares. BNRJ, SMS, 18,3,1; Carta do Coronel Antonio Joaquim de Vasconcelos Parada e Souza a Valadares. BNRJ, SMS, cód.18,2,3, doc. no 66. Hal Langfur, *The Forbidden Lands – Colonial Identity, Frontier Violence, and Persistence of Brazil's Eastern Indians 1750-1830*. Stanford University Press, 2006. Márcia Amantino, *O mundo das feras – Os moradores do sertão oeste de Minas Gerais – século XVIII*. São Paulo, Annablume, 2008.

<sup>28</sup> Cito a referência a partir de Márcia Amantino, *op. cit.*, p. 37.

<sup>29</sup> José Joaquim da Rocha, *Memória...*, pp. 514-515.

<sup>30</sup> Para os variados tipos de roteiros, oferecendo deles como que uma interessante tipologia, ver a análise sugestiva de Francisco Eduardo de Andrade, *op. cit.*, cap. 6, "Artes do descobridor", p. 235-264.

trabalhos<sup>31</sup>. Lá está a divisão interna em quatro comarcas, as dos limites externos, as legendas indicando cidades, vilas, paróquias, capelas, fazendas, estradas, aldeias de gentios, registros, guardas e patrulhas de soldados. Representado se acha o espaço dos homens bem morigerados que trabalhavam a terra, iam à missa, cumpriam funções de vereança, e que não devia ser confundido com o outro espaço, o dos índios, mesmo se aculturados. Procurava-se, deste modo, controlar a circulação de bens e de pessoas, feita por meio dos registros e das patrulhas.

Na mesma época, multiplicaram-se os escritos detalhados sobre a capitania, como o *Fundamento Histórico ao Poema Vila Rica*, de Claudio Manuel da Costa, que fixou, em 1774, certa tradição do aproveitamento prático da natureza, e a *Memória* do mesmo José Joaquim da Rocha, militar e engenheiro português que, em linguagem colorida e viva, faz um balanço da história e atividades econômicas da região. Pouco depois, já sob impacto evidente da ilustração e do programa da Academia Real de Ciências de Lisboa, homens como José Elói Ottoni e José Vieira Couto produziram obras de caráter mais marcadamente pragmático e científico, descrevendo com detalhe a flora, a fauna, os limites e os acidentes geográficos, e viabilizando a melhor e mais adequada exploração do território. A correspondência administrativa ostentou concepções “civilizadoras”, e foi então que se multiplicaram planos e documentos expondo com minúcia as etapas a serem seguidas na “conquista” de regiões ainda indevassadas. Poemas expressaram a tensão entre o mundo dos colonos e aquele dos índios, como o *Vila Rica*, de Cláudio Manuel da Costa, que endossou a ótica dominante entre os colonizadores e afirmou a crença ilustrada no triunfo inelutável da civilização sobre a barbárie. O olhar enviesado próprio a essa produção encobre o outro lado da moeda: o da neutralização e, se necessário, destruição dos índios.

Tipos variados de testemunhos atestam, portanto, a ordenação mais e mais racionalizada do mundo natural, descrevendo a ação de cortar montes, vasculhar as margens dos rios, intensificar a concessão de sesmarias para viabilizar a “abundância de mantimentos”. Enumeram os tipos de cultivo, ressaltando haver regiões onde os lavradores eram tão ou mais numerosos que os mineiros, como a do Rio das Mortes. Difundem a crença nos bons resultados advindos da natureza domesticada pela faina agrícola. Perguntam de quê serviria o ouro ao homem bem estabelecido em casa decente, protegida por arvoredo espesso, mas que permitisse descortinar,

---

<sup>31</sup> "Mapa da capitania de Minas Gerais com a divisa de suas comarcas" - BNRJ, ARC 18-5-9. Cristina Avila, Juliana Souza Duarte, Maria do Carmo Andrade Gomes, Maria Luisa Thomasi, Renata Hanriot, "Cartografia e Inconfidência: a obra de José Joaquim da Rocha", *Análise e Conjuntura - Inconfidência Mineira e Revolução Francesa - Bicentenário: 1789-1989*, Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro, vol.4, nºs 2 e 3, maio/dezembro 1989, pp. 373-392. Jaime Cortesão, *História do Brasil nos Velhos Mapas...*, 1965-1971, tomo II, p. 221-227; Antonio Gilberto Costa, Friedrich Ewald Renger, Júnia Ferreira Furtado e Marcia Maria Duarte dos Santos, *Cartografia das Minas Gerais – da capitania à província...*

da janela, "verdejantes planícies de ricas searas". A paisagem trágica e dura cedia lugar à "campinas cobertas de animais domésticos, que enchem os ares de poeira e de mugidos"<sup>32</sup>.

Num mundo cada vez mais dominado pelo ideal da natureza subjugada, plantas e animais deveriam ser catalogados, bem como estudadas as suas possibilidades de aplicação prática e, no limite, científica. Em 1772, o governador conde de Valadares determinava aos membros de uma expedição sertanista que lhe remetessem com brevidade "sementes de todas as qualidades, resinas, raízes com alguns pequenos troncos com a sua folha, fruto e flor". Metódico, definia o modo como deveriam ser acondicionadas as amostras: "é certo que não poderão vir verdes, e bastará que venham secas com a folha estendida, e flor". Adequava-se às transformações que atingiam o conhecimento científico da época, consciente da necessidade de bem descrever para melhor conhecer e controlar espécimes desconhecidas, servindo, segundo suas palavras, ao adiantamento da História Natural<sup>33</sup>. Pedia ainda que se enviassem "alguns bichos mais raros, e borboletas, e outros insetos"<sup>34</sup>. Homens que domavam a natureza e exaltavam a sedentarização não mais viam os animais como monstruosos ou ameaçadores, fixando-os em coleções.

A fundação de vilas foi um dos aspectos mais importantes no processo de ordenamento do meio natural. Com elas vieram as câmaras, e, com estas, uma política mais sistemática: autos de correição e de vereança indicam o intuito de se demolir os matos "na circunferência da vila" para torna-la "mais desassombrada e lavada dos ares", evitando-se desta forma tanto "o prejuízo dos bichos e feras que neles se criam" quanto o advindo dos criminosos e quilombolas que neles poderiam se esconder<sup>35</sup>.

O desmatamento a que se procedia para estabelecer lavras e roças foi responsável pelo sumiço de boa parte da abundante vegetação de florestas e cerrados característica dos primeiros tempos. As madeiras eram cobiçadíssimas pelos mineiros, que arrancavam árvores ao léu ou as negociavam com carreiros que as haviam furtado para vender<sup>36</sup>. Incendiava-se a cobertura

---

<sup>32</sup> Carlos Magno Guimarães e Liana Maria Reis, "Agricultura e escravidão em Minas Gerais (1700-1750)", Revista do Departamento de História, nº 2, junho de 1986, pp. 7-27. Angelo Alves Carrara, op. cit., passim. José Newton Coelho Meneses, O continente rústico – abastecimento alimentar nas Minas Gerais setecentistas. Diamantina, Maria Fumaça, 2000. Teixeira Coelho, Instrução para o governo da Capitania de Minas Gerais, p. 556,452, 460,478. Vieira Couto, Memória sobre as Minas da capitania..., p. 83.

<sup>33</sup> João Luís Lisboa, Ciência e Política - ler nos finais do Antigo Regime, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1991, pp.99-100, 108-109, 112. Maria Elice Brzenski Prestes, A investigação da natureza no Brasil colônia. São Paulo, Annablume, 2000.

<sup>34</sup> BNRJ, S,Ms., 1,4,1, Correspondência de Valadares, fls. 33-V.

<sup>35</sup> Arquivo Histórico da Câmara Municipal do Serro (Casa dos Ottoni), Autos de Correições - 1733/1792 - Vila do Príncipe, fl 34v. Este documento foi gentilmente cedido por Luciano Raposo de Almeida Figueiredo, a quem expresse aqui meu agradecimento.

<sup>36</sup> BNRJ, SMS., cód.18,3,4, Correspondência de Valadares, doc. nº 69.

vegetal, acarretando o desaparecimento paulatino dos mananciais de água<sup>37</sup>. Ao iniciar o último quartel do século XVIII, o desembargador Teixeira Coelho condenava a facilidade com que se concediam sesmarias, acarretando mais prejuízos do que benefícios: para cultivá-las, queimavam-se "os melhores matos, e os mais próximos às povoações", e os povos ficavam sem madeira, lenha e capim onde pudessem trazer "a pasto os seus gados"<sup>38</sup>: por toda a parte "soavam os machados, e por todos os lados se ouvia o horrendo fracasso das árvores que se derrubavam"<sup>39</sup>.

Em 1799, um testemunho eloquente lamentava a destruição:

"Corram-se as vizinhanças das grandes povoações da capitania de Minas Gerais, e procure-se em todas elas alguma daquelas preciosas árvores, que faziam em outro tempo o seu mais belo ornamento, e não se achará nem os sinais da sua antiga existência"<sup>40</sup>.

A fauna também minguara. Em 1792, escasseavam as codornizes nas imediações da Vila do Príncipe, e a câmara decidiu estender para dois ou mais anos a proibição de caça, que pesava sobre determinados meses<sup>41</sup>. O hábito das caçadas generalizava-se, e se uns eram movidos pela necessidade ou contingência, muitos o praticavam por distração.

No início do século XIX, houve viajante que se espantou com o desalento das povoações mineiras: "tudo são ruínas, tudo despovoação", diria entristecido Vieira Couto<sup>42</sup>. Estrangeiros como Spix e Martius registraram a paisagem desolada que um século de mineração introduzira na outrora exuberante capitania das Minas. Encobrendo a terra vegetal das margens dos rios, o cascalho e o pedregulho revolvido pelo mineiro geravam aridez; as queimadas deixavam o terreno montanhoso sem a defesa dos matos e fadado a se esboroar em sulcos; as pedras, espalhadas por toda parte, criavam a impressão de se caminhar entre ruínas<sup>43</sup>.

O que se fizera do jardim das Hespérides que, cem anos antes, sugerira aos entrantes visões edenizadoras?

---

<sup>37</sup> Miran B. Latif, *As Minas Gerais*, pp. 94-96.

<sup>38</sup> José João Teixeira Coelho, *op.cit.*, p. 557-558.

<sup>39</sup> Vieira Couto, *op.cit.*, p. 97, p. 101.

<sup>40</sup> "Discurso sobre o melhoramento da Economia Rústica do Brasil pela introdução do arado, reforma das fornalhas e conservação de suas matas, etc.", Lisboa, Na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1799, p.12.

<sup>41</sup> Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Serro Frio, caixa 17, livro 1, "Registro geral de provimentos e correições - 173-1792", fls. 182-182V. Este documento me foi gentilmente cedido por Luciano Raposo de Almeida Figueiredo, a quem agradeço vivamente.

<sup>42</sup> *Memória sobre as Minas...*, p. 77.

<sup>43</sup> J.B. von Spix e C.F.P. von Martius, *Viagem pelo Brasil*, trad., vol.1, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1938, p.314; para o processo de destruição do solo, Miran Latif, *op.cit.*, pp. 89-97.

Spix e Martius estranharam Vila Rica mas se deslumbraram com os Coroados da aldeia de Morro Grande: a bela índia nua se banhando no rio; o índio que indicava o córrego "esticando o beijo em focinho" quando os viajantes lhe pediram água potável; o papagaio, as galinhas silvestres, "o lindo jacu", os macacos que "correndo à vontade por ali, pareciam da intimidade da família"<sup>44</sup>.

Os índios não destruíam a cobertura vegetal, não escalavravam o solo, não matavam animais por prazer. Os portugueses colonizadores, os mineiros que pagavam quintos e proviam à subsistência da capitania estavam presos nas contradições de uma exploração muitas vezes predatória e descontrolada. Neste sentido, a destruição era a face gêmea do seu aproveitamento prático.

#### 4. A dimensão dos afetos

Mas nem por isso os homens das Minas ficaram alheios aos encantos do meio que os circundava: fosse pelo ângulo da edenização, da tragédia ou do pragmatismo, eles o introduziram no mundo dos afetos, fixando-o em algumas das mais belas obras que a literatura luso-brasileira setecentista produziu.

O desenvolvimento cultural mineiro intensificou-se sobretudo na segunda metade do século, quando o ouro escasseava mas a sociedade achava-se mais sedimentada, os núcleos urbanos melhor conformados, a administração bem implantada. Além disso, a "decadência" demandava soluções, e a elite local se esforçava por buscá-las: frequentava universidades europeias, informava-se sobre o ideário ilustrado e sobre as técnicas modernas, nutrindo, em muitos casos, admiração fervorosa pelo espírito científico. Burlando as restrições, os livros entravam na capitania, e algumas bibliotecas comportavam centenas de títulos<sup>45</sup>.

Ao mesmo tempo em que se aproximava da cultura europeia, a elite intelectual das Minas refletia sobre sua realidade específica. A percepção da propalada decadência da capitania andou

---

<sup>44</sup> Id. ib., p. 339.

<sup>45</sup> Sílvio Gabriel Diniz, "Um livreiro em Vila Rica no meado do século XVIII" IN *Kriterion*, janeiro-junho 1959, p. 47-48. Luiz Carlos Villalta, *A torpeza diversificada dos vícios*. Dissertação de Mestrado, DH-FFLCH, USP, 1993. Idem, "O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura" IN Laura de Mello e Souza (org.), *História da Vida Privada no Brasil – I – Cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997. Eduardo Frieiro, *O diabo na livraria do Cônego*. 2ª edição. São Paulo, EDUSP / Belo Horizonte, Itatiaia, 1981. Alvaro Araujo Antunes, *Fiat Justicia: os advogados e a prática da justiça em Minas Gerais. 1750-1808...* Laura de Mello e Souza, "O ouro das estantes". In : *Revista do Arquivo Público Mineiro*, ano XLVIII, janeiro/dezembro 2012, pp. 54-63.

junto com um sentimento regional mais intenso, manifestado na incorporação da natureza ao universo dos afetos.

Homem identificado ao Velho Continente, Cláudio Manuel da Costa viveu atormentado por sentimentos contraditórios ante a terra natal, que amava mas não deixava de confrontar à Corte mais polida e civilizada, conforme expresso num de seus sonetos mais conhecidos:

"Torno a ver-vos, ó montes; o destino  
Aqui me torna a pôr nestes oiteiros;  
Onde um tempo os gibões deixei grosseiros  
Pelo Traje da Corte rico, e fino"<sup>46</sup>.

Muitos versos seus evidenciam a identificação com a natureza dura e peculiar das Minas, bem como a ambiguidade dos sentimentos que nutria pela região, referida como "minha pátria" mas também como "as Minas de ouro do nosso Portugal"<sup>47</sup>. A riqueza derramada « por toda a Europa » fazia da capitania « a mais importante (...) dos domínios de Portugal », e é um dos elementos justificadores do entusiasmo "patriótico", ao mesmo tempo em que suscita revolta ante a exploração, já que os habitantes locais se exauriam para « socorrer ao comércio de todas as nações polidas »<sup>48</sup>. E é sobretudo na alusão recorrente a montanhas, rochedos, penhascos, à "pedra, áspera e dura", às "altas serras" que servem de muralha que se nota a forte impregnação da paisagem local nos sonetos de Cláudio<sup>49</sup>: "imaginação da pedra", "anseio profundo de encontrar alicerce", diria um crítico literário<sup>50</sup>. Essa natureza trágica define e molda o ser interior, como confessa em outro soneto:

"Destes penhascos fez a natureza  
O berço em que nasci! oh quem cuidara,

<sup>46</sup> "Torno a ver-vos, ó montes" IN Obras Completas, vol. 1, p. 133.

<sup>47</sup> É conhecida e muito citada a frase de Sérgio Buarque de Holanda, "somos uns desterrados em nossa própria terra". Raízes do Brasil (1936), 9ª edição, São Paulo, Livraria José Olympio Editora, 1976, p. 3.

<sup>48</sup> Carta Dedicatória" ao poema Vila Rica, op.cit., p.150. Para a citação anterior, ver p. 147.

<sup>49</sup> Ver sobretudo os seguintes sonetos: "Este é o rio, a montanha é esta"; "Nise? Nise? onde estás? Aonde esperas?"; "Neste álamo sombrio, aonde a escura"; "Altas serras, que ao céu estais servindo"; "Torno a ver-vos, ó montes; o destino"; "Polir na guerra o bárbaro gentio"; "Destes penhascos fez a natureza". Ver ainda as seguintes éclogas: "Lísia" (ecl.IV); Laura (ecl.IX), Dalizo (ecl. XI), op.cit., pp. 106, 109, 113, 131, 133, 144, 151, 223, 247, 257. Para a presença da pedra na obra de Cláudio Manuel da Costa, ver Sergio Alcides Pereira do Amaral, Cláudio Manuel da Costa e a paisagem das Minas – 1753-1773. São Paulo, Hucitec, 2003.

<sup>50</sup> A citação entre aspas, é de Antonio Candido, Antonio Candido, Formação da Literatura Brasileira - Momentos decisivos, vol. 1, 1750-1836, 4ª ed., São Paulo, Martins, s.d., "No limiar do novo estilo...", p. 92

Que entre penhas tão duras se criara  
Uma alma terna, um peito sem dureza!<sup>51</sup>.

Também os rios são tomados como metáforas das dúvidas e inquietações do poeta quanto à sua identidade, aos sentimentos mais profundos. Contrafeito, talvez, mas fiel à terra natal, ele se identifica ao Ribeirão do Carmo, feio e turvo, tão inferior ao “cristalino Tejo” ou às belas praias do Mondego. Na paisagem domesticada de sua “pátria”, figura o cultivo da “cana loira”, que o trabalho transforma em “brancos torrões”, da mesma forma como separa o “loiro metal” do cascalho, após buscar betas de ouro entre serras e fazer correr as águas em canais de pedra fria<sup>52</sup>.

Ante a natureza, o poeta oscila entre o sentimento de fatalidade e o de orgulho: áspera, difícil, às vezes feia e triste, ela é, entretanto, querida e única, vestindo-se dos atributos de pátria. Na segunda metade do século, o habitante de Minas se identificava com o local onde nascera e sonhava torná-lo melhor: luso-brasileiro ia deixando de ser adjetivo composto para, desmembrado em dois qualificativos simples, expressar duas bordas opostas do mundo atlântico.

Nos versos de Tomás Antonio Gonzaga, português de nascimento, a presença da terra mineira se faz diferentemente, e o primeiro objetivo é antes registrar o tecido social, deixando em segundo plano a sensibilidade ante o meio físico. Há alusões esparsas a montes e serras, a penhascos, “pedras quebradas”, um rio que cai, tardes frias obscurecidas por nuvens negras que lançam chuviscos, mas importam antes de tudo os retratos do meio natural subordinado à intervenção humana, as paisagens simples e sem nada de mítico, épico ou trágico. O caminho, como em versos bastante conhecidos:

“Toma de Minas a estrada,  
Na Igreja nova, que fica  
Ao direito lado, e segue  
Sempre firme a Vila Rica.

Entra nesta grande terra,  
Passa uma formosa ponte,  
Passa a segunda, a terceira  
Tem um palácio defronte”<sup>53</sup>.

---

<sup>51</sup> “Destes penhascos fez a natureza”, op.cit., p.151.

<sup>52</sup> Vila Rica, op.cit., vol. II, pp. 259-261.

<sup>53</sup> Tomás Antonio Gonzaga, Op.cit., Lira I, pp. 13-14; Lira V, pp. 19-21; Lira IX, pp. 24-25; Lira XVIII, pp. 39-40.



Ou a faina diária com que o mineiro, o lavrador, o dono de engenho criam riquezas, apoiados nos "cativos": a extração do cascalho aurífero, transformado em granetes dourados que brilham no fundo da bateia; a derrubada dos matos virgens e a queimada das capoeiras novas, que cedem lugar ao plantio; o enfardamento das "secas folhas do cheiroso fumo" e, ainda, a transformação, por meio de "dentadas rodas", da cana de açúcar em caldo<sup>54</sup>.

Como Gonzaga, Alvarenga Peixoto não nascera em Minas, mas no Rio, tendo fixado residência na capitania após cursar a universidade em Coimbra. Apesar disso, o apego aos homens e à natureza da terra adotiva apresentam em seus versos intensidade surpreendente, levando-o a perceber com clareza os mecanismos da exploração colonial: as serras brutas e escalvadas "fazem as pazes, dão calor às guerras", e as belas obras da cultura europeia - "coríntios palácios", "dóricos templos", "jônicos altares" - foram possíveis graças aos "lenhos duros,/ filhos desses sertões feios e escuros". A possessão americana, e mais especificamente as Minas, contribuem de modo decisivo para que a monarquia portuguesa e o poderio econômico do reino sejam respeitados na Europa : é uma terra "bárbara", mas abençoada", onde homens de raças diversas

"... mudam aos rios as correntes,  
rasgam as serras, tendo sempre armados  
da pesada alavanca e duro malho  
os fortes braços feitos ao trabalho"<sup>55</sup>.

Num poema inacabado, Alvarenga Peixoto chega a sugerir que a relação entre o Reino e sua colônia seja invertida e, talvez, negada, mesmo se, no final, muda o sentido da reflexão, aderindo às perspectivas do reformismo ilustrado:

"Que fez a Natureza  
em pôr neste país o seu tesouro,  
das pedras na riqueza,  
nas grossas minas abundantes de ouro,  
se o povo miserável?... Mas que digo:  
povo feliz, pois tem o vosso abrigo!"<sup>56</sup>.

---

<sup>54</sup> Gonzaga, Op.cit., Lira III, pp. 107-108. Trata-se do conhecido poema que começa com o verso: "Tu não verás, Marília, cem cativos...", um dos mais belos da lírica de Gonzaga.

<sup>55</sup> Todas as referências em Canto Genetífico IN Manuel Rodrigues Lapa, Vida e Obra de Alvarenga Peixoto, Rio de Janeiro, INL/MEC, 1960, pp. 33-38.

<sup>56</sup> Fragmento..., Op.cit., p.42.

Nas falas atribuídas aos inconfidentes de 1789, a natureza pródiga das Minas aparece quase sempre por contraste e oposição à pobreza dos habitantes, o que justificaria a necessidade do levante e, afinal, da independência. Boa parte dessas considerações é atribuída a Tiradentes, a alusão à "riqueza, e preciosidade do País de Minas" sendo a forma com que "princiava a sondar os ânimos para falar depois no levante"<sup>57</sup>. Vários depoentes dizem sempre ter ouvido Tiradentes "exagerar a beleza, fertilidade, e riqueza do país de Minas Gerais, e que por estes motivos podia bem ficar independente, assim como fez a América Inglesa..."<sup>58</sup> Nessas falas, a natureza se apresenta completa: "o país não só era fértil de ouro, e pedras preciosas, mas também de todo o necessário, que quisesse a indústria"<sup>59</sup>.

Mas Tiradentes não era o único a destacar as qualidades naturais de Minas. José Alvares Maciel dizia que "os nacionais desta América não sabiam os tesouros que tinham"<sup>60</sup>. O Coronel Antonio de Oliveira Lopes comentara com Domingos Vidal Barbosa "que este país era muito feliz por ter todas as comodidades para a vida, e quanto não seria delicioso, se fosse livre". "Depois disto, passados alguns dias, lhe tornou o dito Coronel a fazer alguns discursos soltos sobre a vantagem deste país, defendido pela natureza..."<sup>61</sup>

No último quartel do século, pois, a natureza pródiga embasava a justificativa da independência e os qualificativos que a destacavam eram vegetais: por causa dela, o "País de Minas Gerais" "bem podia ser uma república livre, e florente", com mais vantagens do que a América Inglesa "pelas maiores comodidades, que tem"<sup>62</sup>; "um florente império"<sup>63</sup>; um "império formosíssimo"<sup>64</sup>. Esta tomada de consciência foi em boa parte propiciada pela percepção do desnível entre as potencialidades naturais e as condições de vida dos habitantes. Da exaltação da natureza deslizava-se, assim, para a percepção das injustiças inerentes ao estatuto colonial e, logo em seguida, para o desejo de superar a uma só vez as injustiças e a dependência ante Portugal: o "país das Minas era fertilíssimo, e riquíssimo de tudo; a não ir toda a sua riqueza para fora, seria a terra da maior utilidade"<sup>65</sup>. Generalizava-se a insatisfação porque "tudo quanto produzia lhe levavam para fora, sem nele ficar cousa alguma de tanto ouro, que nele se extrai"<sup>66</sup>.

---

<sup>57</sup> Autos da Devassa da Inconfidência Mineira, vol.IV, p. 96

<sup>58</sup> ADIM, vol.I, p.142-143.

<sup>59</sup> ADIM, vol.III, p. 241.

<sup>60</sup> ADIM, vol.IV, p. 46.

<sup>61</sup> ADIM, vol. I, p.168-169.

<sup>62</sup> ADIM, vol.I, p.108.

<sup>63</sup> ADIM, vol.I, p. 122.

<sup>64</sup> ADIM, vol.I, pp. 207-208.

<sup>65</sup> ADIM, vol.I, p. 122.

<sup>66</sup> ADIM, vol.I, p. 127.

Os governadores só cuidavam em enriquecer, e "o país ficava sempre infeliz, sendo o mais delicioso, e opulento"<sup>67</sup>. E não faltavam devaneios utópicos: Basílio de Brito Malheiro conta que Tiradentes criticava os funcionários da Coroa porque, uma vez ricos, "se iam embora ficando sempre esta terra miserável pois tudo saía dela, que a não ser assim se podia calçar as ruas de ouro"<sup>68</sup>. Tiradentes via com clareza: "os filhos de Portugal que eram os senhores do ouro que se tira nesta terra, (...) e nós havemos de estar aturando isto?"<sup>69</sup>. Afinal, dizia, "estas Minas eram o tesouro da Europa"<sup>70</sup>.

As frases soltas que chegaram até nós por meio da perseguição urdida contra os inconfindentes não permitem afirmar muita coisa quanto à clareza e consistência de seus propósitos políticos. Na medida em que Tiradentes se tornou o herói da república brasileira, estamos todos imersos no terreno do mito – os nossos mitos, mas talvez não os deles -, e condenados a uma compreensão apaixonada. Mais do que aventar a filiação a certas ideias, como a de república, autonomia e, no limite, independência, importa reconhecer e também indagar por que, ao levantar queixas contra a opressão metropolitana, mistificava-se a natureza. No reino da utopia, a natureza das Minas Gerais voltava portanto a ganhar atributos edênicos.

Entre 1789 e 1792, como todos sabem, os homens acusados de inconfidência foram presos e expulsos da capitania. Morto e esquartejado, o alferes Tiradentes teve os pedaços do corpo expostos pelo caminho que ligava a capital do Brasil às Minas, compondo uma paisagem trágica e ameaçadora. Esperando que a natureza da capitania pudesse trazer riqueza para seus habitantes - "os pobres filhos das Minas sempre pobres e sem nada de seu" - Tiradentes não era um sonhador isolado. Nos diversos setores da vida cotidiana, a sensibilidade ante o meio natural ajudava a construir uma consciência do específico que, no limite, era política.

Em 1799, José Vieira Couto descrevia a terra natal em linguagem colorida e afetuosa, destacando a importância da "imensa serra" que percorria a maior parte de seu território, lançando de Sul a Norte, "seus grandes esgalhos a uma e outra parte, ora abaixando-se, ora elevando-se mais". Destaca a fertilidade da terra, as matas e os amenos campos que cobriam a porção menos íngreme, oferecendo aos cultivadores "uma fértil superfície", "ao mesmo tempo que seus interiores, passados e repassados de ricas veias de metais, convidam aos mineiros para as desentranharem"<sup>71</sup>. Mas havia um sério obstáculo, enunciado logo depois:

---

<sup>67</sup> ADIM, vol.I, p.179.

<sup>68</sup> ADIM, vol.I, p.185.

<sup>69</sup> ADIM, vol.II, p.415.

<sup>70</sup> ADIM, vol.II, p. 179.

<sup>71</sup> José Vieira Couto, *Memória sobre a capitania de Minas Gerais, seu território, clima e produções metálicas; sobre a necessidade de se restabelecer e animar a mineração decadente*

"O povo é a fonte e o princípio das riquezas do Estado; um povo bem dirigido, um povo laborioso, comerciante e inteligente, é rico; o erário da nação será também rico; e o contrário é um ente que não existe na natureza, um erário rico de uma nação pobre".<sup>72</sup>

Quando Vieira Couto escreveu esta passagem, já havia 10 anos que a Inconfidência fora desbaratada e a maior parte dos inculcados achavam-se mortos. Partilhadas e cotidianas, persistiam nas Minas, alternando-se, as várias formas de percepção do meio natural: ora edênica, ora trágica, ora pragmática. Elas chegaram até nós por meio de escritos vários, produzidos por reinóis tanto quanto por naturais da terra, e foram ao longo do tempo criando um lastro comum, partilhado por muitos. Mesmo se contraditórias, essas percepções parecem ter sido fundamentais para ligar mais profundamente o homem à terra, nela plantando os seus afetos. Antes de ser brasileiros, os habitantes das Minas se sentiram filhos de uma região interior que redefinira, ao longo de um século, fronteiras geográficas, políticas e sociais. Em vez de se destacar, ao fazê-lo integravam-se ao todo, antes que mesmo que se configurasse uma idéia de Brasil.

Ao final deste percurso por uma das regiões que, no primeiro quartel do século XIX passaram a integrar o império do Brasil, tenho mais dúvidas do que conclusões. Não acredito que a História possa pragmaticamente produzir soluções para o presente, mas tenho certeza de que ela ensina a pensar criticamente e ajuda a compreender processos de extrema complexidade. Neste trajeto, aprendi com historiadores ambientais contemporâneos que nossos antepassados não foram desprovidos de preocupações quanto ao rastro de destruição que os usos da natureza acarretavam, e constatei, lendo os documentos, que o olhar que tiveram sobre ela foi com frequência carregado de afeto e pontilhado por dúvidas<sup>73</sup>.

Muito da catástrofe presente deita raízes no passado, e os dois recentes desastres ecológicos – os rompimentos das barragens da Samarco, em 5 de novembro de 2015, e o da de Brumadinho, em 25 de janeiro de 2019 – deveriam ter sido evitados porque a história registrou, notadamente no caso de Mariana, recorrentes cheias ocorridas desde sempre, e esforços

---

do Brasil; sobre o comércio e exportação dos metais e interesses régios. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 2848, vol. 11, pp. 289-335, citação à p. 291.

<sup>72</sup> Id., *ib.*, p. 325.

<sup>73</sup> Cf. José Augusto Pádua, *Um sopro de destruição – pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888)*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002. Diogo de Carvalho Cabral, *Na presença da floresta. Mata Atlântica e história colonial*. Rio de Janeiro, Garamond, 2014.

realizados pelas autoridades desde as primeiras décadas do século XVIII para resolver o problema.

Das florestas não vou nem falar, que os acontecimentos recentes tolhem a voz.

Confesso que tenho grande nostalgia daquele jardim mítico das Hespérides, situado em lugar impreciso e variável, onde moças bonitas, filhas de Atlas, cantavam e, vez por outra, mordiscavam as maçãs de ouro que nasciam de uma árvore maravilhosa ali depositada por Hera. A deusa, para proteger os pomos, lá pusera também um guardião, uma fera tremenda, dragão ou serpente conforme as diferentes versões – porque os mitos, como a História, também mudam e se misturam. Mas Hércules, herói civilizador, matou a fera, colheu os pomos e os levou ao rei Eristeu, que o fustigava com a demanda de trabalhos impossíveis aos simples mortais. As Hespérides, que viriam a figurar como ilhas em mapas do século XVI e XVII, foram assim incorporadas à esfera do helenismo.

Em 1900, o historiador mineiro Diogo de Vasconcelos comparou o território das Minas ainda intocado pelo colonizador branco ao jardim das Hespérides, sinalizando que ali terminava o mito e começava a história da região.

Mesmo que às vezes o coração balance em direção ao mundo fechado e indevassado desse mito, só nos resta enfrentar o que nos foi posto pela história.